

# LUGAR E *MODOS* DE VIDA DOS MORADORES DO BAIRRO ULISSES GUIMARÃES-BARREIRINHA/AM: UM ESTUDO DAS ADAPTAÇÕES NO PERÍODO DAS CHEIAS DO RIO PARANÁ DO RAMOS

Gerson dos Santos Mesquita Júnior<sup>1</sup>  
Charlene Maria Muniz da Silva<sup>2</sup>

## RESUMO

A presente pesquisa realizada na cidade de Barreirinha-AM, teve como objetivo compreender as principais adaptações que os moradores do Bairro Ulisses Guimarães vivenciaram no período das cheias do rio Paraná do Ramos e a transformação de seu *modos* de vida pelas constantes cheias que atingem aquela cidade. Um trabalho de caráter qualitativo onde a abordagem fenomenológica buscou entender a partir das percepções dos indivíduos as mudanças ocorridas no ambiente que moram, adotou-se a técnica de entrevista para melhor apreender o fenômeno ocorrido. Nesse sentido esse estudo torna-se importante para o conhecimento das mudanças no espaço geográfico, onde o homem diante das experiências vivenciadas expõe suas percepções, diante do fenômeno ocorrido, fatores importantes para a compreensão da sua vivência dos sentimentos sobre o lugar onde vivem, e que no decorrer das cheias passaram por diversas dificuldades em ter que se organizar e conviver, nos meses em que o lugar passa a ser tomado pelas águas. Portanto conhecer a realidade dos moradores do Bairro Ulisses Guimarães, nos levou a compreender como um fenômeno natural pode causar transformações na vida das pessoas, afetando seu psicológico sua subjetividade, assim a forte relação de afetividade e de pertencimento ao lugar, como um mundo de significados é capaz de fortalecer esse vínculo afetivo vivenciado no decorrer das cheias que não foi nada fácil para os moradores que tiveram que construir e reconstruir suas vidas, e viver agora uma nova realidade, onde seu *modos* de vida e seu cotidiano são regulados, pelo processo sazonal de cheia e vazante do rio Paraná do Ramos.

**Palavras-chaves:** Lugar. *Modos* de vida. Adaptações às cheias.

## 1. INTRODUÇÃO

Compreender os fenômenos ocorridos no espaço geográfico é uma tarefa árdua quando se pretende analisa-lo de forma qualitativa onde se busca através do procedimento metodológico da fenomenologia analisar o fenômeno de forma subjetiva o que está implícito aos nossos olhos, dessa forma busca-se entender de como ele se manifesta no lugar através da percepção dos sujeitos.

É nesse sentido que o presente artigo tem como objetivo compreender as principais adaptações que os moradores do Bairro Ulisses Guimarães na cidade de Barreirinha vivenciaram no decorrer das cheias, e como passaram a se relacionar com *modos* de vida

---

<sup>1</sup> Graduando em licenciatura Plena em Geografia na Universidade do Estado do Amazonas-CESP/UEA.  
E-mail: gersonmesquitauea023@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professora / Dr<sup>a</sup>. Centro de Estudos Superiores de Parintins-CESP-UEA. E-mail: charlenemds@yahoo.com.br

condicionados pelas cheias do rio Paraná do Ramos, que iremos conhecer no decorrer do trabalho.

O presente estudo torne-se importante diante da realidade vivida pelos moradores que passam a enfrentar dificuldades nas cheias, compreender seus sentimentos e experiências vivenciadas com essa realidade que atingem seu *modos* de viver.

Para tal, o estudo esteve pautado em uma abordagem metodológica de cunho fenomenológica, pois se empregou os seguintes procedimentos metodológicos: Levantamento bibliográfico, onde se trabalhou principalmente autores como Anne Buttimer (1982); Yi-Fu Tuan (1988) Eric Dardel (1899-1967) Marta Inêz (1994) Agnes Heller (2008). O trabalho de campo que se deu a partir de entrevistas para melhor compreensão do fenômeno ocorrido, onde os moradores sujeitos da pesquisa, relataram por meio de entrevistas, suas percepções, vivências e sentimentos passados no decorrer das enchentes, também fez-se uso dos seguintes instrumentos, como máquina fotográfica para registrar o Bairro no período das cheias e um gravador digital para gravar as entrevistas com os moradores.

Assim o presente trabalho está dividido em três momentos: no primeiro iremos identificar as percepções dos moradores a respeito do lugar, onde moram, a pesar das dificuldades passadas nas enchentes, há uma forte relação de afetividade e de pertencimento, que garantem uma resistência afetiva dos mesmos no ambiente onde moram e constroem suas vidas.

No segundo momento vamos compreender o *modos* de vida dos moradores, que segundo (MAQUES, 1994), corresponde a um conjunto de práticas cotidianas desenvolvidas por um determinado grupo social e decorrente de sua história da posição que ocupa na sociedade envolvente e da forma específica que a segura sua reprodução social, e que são realizadas, no espaço urbano, seu ambiente de dependência que no período das cheias, ruas e bairros ficam tomados pelas águas.

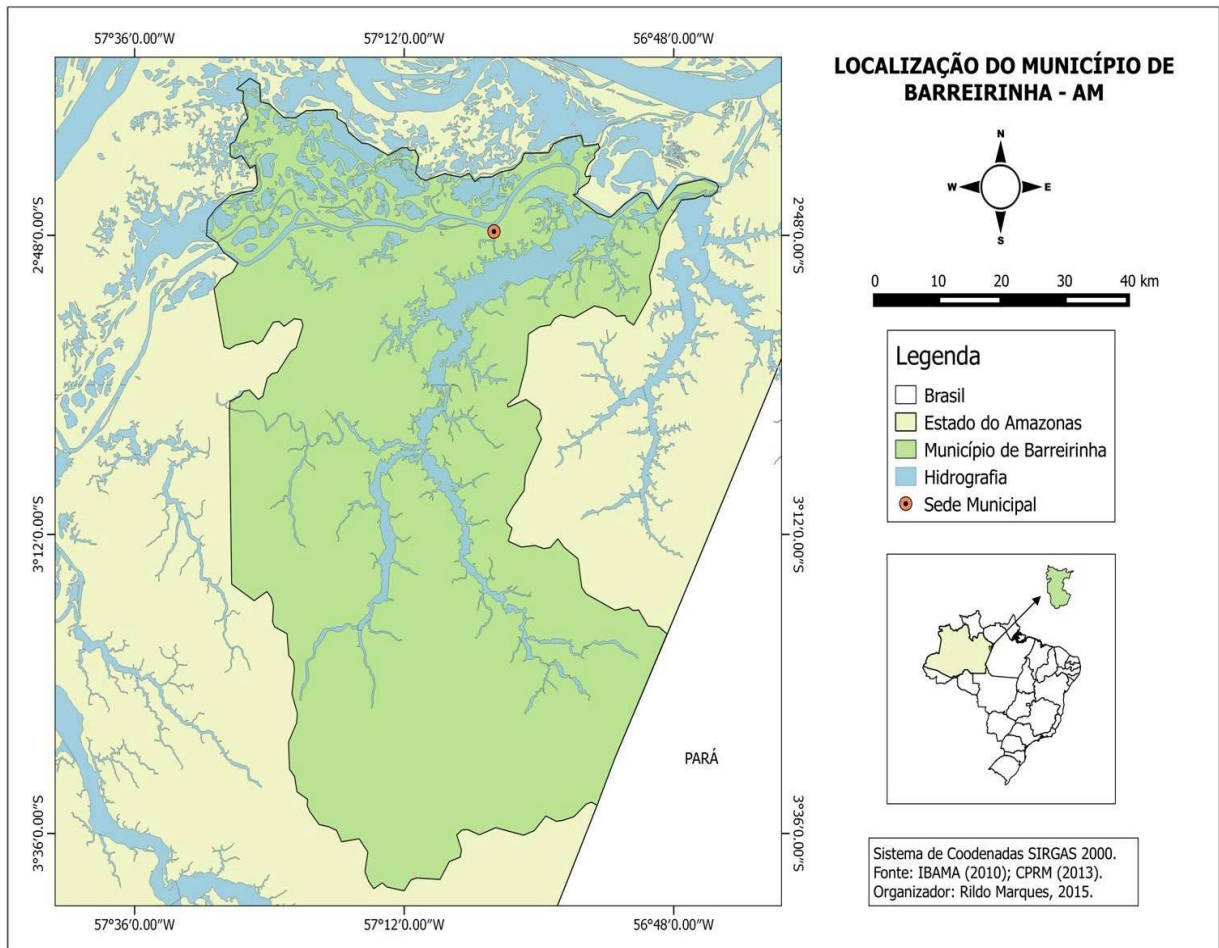
No terceiro e último momento passamos a conhecer no bairro as principais adaptações que os moradores tiveram que fazer no decorrer das cheias para a permanência no lugar e suas dificuldades, ainda enfrentada na vivência com essa nova realidade.

Portanto conhecer a realidade dos moradores do Bairro Ulisses Guimarães, nos levou a compreender como um fenômeno natural pode causar transformações na vida das pessoas, afetando seu psicológico sua subjetividade, assim a forte relação de afetividade e de pertencimento ao lugar, como um mundo de significados é capaz de fortalecer esse vínculo afetivo vivenciado no decorrer das cheias que não foi nada fácil para os moradores que tiveram que construir e reconstruir suas vidas, e viver agora uma nova realidade, onde seu

*modos* de vida e seu cotidiano são regulados, pelo processo sazonal de cheia e vazante do rio Paraná do Ramos.

## 1. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE BARREIRINHA NO ESTADO DO AMAZONAS.

A cidade de Barreirinha onde à pesquisa foi realizada localiza-se a leste do Estado do Amazonas, na região do médio Amazonas e nas margens do rio Paraná do Ramos com as seguintes coordenadas geográficas.



## 2. O LUGAR: VALORIZAÇÃO, AFETIVIDADE E PERTENCIMENTO

O lugar é uma das categorias geográficas onde se estuda as relações dos seres humanos com o mesmo. É o que Buttimer, (1982, p. 178) nos afirma a respeito do lugar:

O lugar é utilizado como principal conceito na abordagem humanística, cujas bases metodológicas estão associadas à fenomenologia e ao existencialismo-também chamado de uma fenomenologia existencial, pelo diálogo estabelecido entre o homem, e seu meio através da percepção do pensamento, dos símbolos e da ação.

A partir dessa apreensão podemos entender o lugar dentro da geografia humanística estudada pela fenomenologia que apreende as percepções dos indivíduos, a sua importância, as experiências vividas, as representações simbólicas do lugar para o mesmo. Assim é no do lugar onde os indivíduos constroem suas relações de vivência e pertencimento.

Como afirma Dardel (1899, 1967) ao apreender o lugar dentro de uma perspectiva geográfica onde busca compreender o homem, a “realidade geográfica é primeiramente aquela onde ele está o lugar realidade da sua infância o ambiente que lhe chama a sua presença”.

As mudanças ocorridas a partir de um fenômeno natural que atinge a vida das pessoas, mexendo com seus sentimentos, afetando seu psicológico, em ter que conviver com o processo sazonal, que no decorrer das grandes cheias, que ocorreram, e passam a ser em um nível que todos os anos inundam o espaço urbano da cidade de Barreirinha, onde esses indivíduos expressam seu *modos* de viver e constrói suas vidas, é encarado como uma nova realidade, enfrentada com dificuldades, mais os valores, sentimentais de pertencimento e afetividade ao lugar, acaba condicionando a permanência dos moradores no ambiente onde moram.

Dentro dessa realidade buscamos compreender o lugar não como localização geográfica ou seus aspectos físicos, mas sim o lugar que é fruto da própria experiência do homem com o mesmo, uma realidade vivenciada entre o homem e o mundo, nas quais vão ganhando significados.

Nesse contexto Merleau-Ponty (1996 p.1) enfatiza que “o mundo não é aquele que penso, mas aquilo que eu vivo”, diante das situações vivenciadas pelos moradores nas cheias é explícito entendermos o lugar diante da realidade, onde o próprio homem a experiência.

Nos últimos sete anos a cidade de Barreirinha vêm sendo afetada pelas cheias que se deram em grande proporção inundando bairros, ruas e quintas, afetando a vida das pessoas, assim podemos compreender a importância do lugar em meio às adversidades vivenciadas,

desde a primeira grande cheia que pegou todos os moradores do Bairro Ulisses Guimarães de surpresa, pois ninguém acreditava que estavam prestes a vivenciar uma das maiores cheias, e que elas se estenderiam nos anos seguintes que gerou situações de medo, desespero e resistência em permanecer no lugar mesmo ficando de baixo de água.

Nesse sentido, a moradora P.S. de S., (48 anos mora há 14 anos no Bairro) nos relata a experiência vivenciada por ela na primeira cheia.

*Bem a primeira enchente que foi em 2009 foi muito difícil, é afetou praticamente nosso bairro em tudo, acabou assim tudo, no nosso bairro, assim, ficou sem ninguém eu digo que afetou tudo porque foi tudo mesmo o psicológico, mas o principal mesmo foi o econômico porque as casas daqui tinham acabado de ser construída, a minha, por exemplo, tinha acabado de ser construída, e a gente nem acreditava, tanto é que eu sei porque a defesa civil veio me retirar da casa porque não tinha mesmo condições de ficar, mas eu não queria sair porque eu tinha acabado de construir minha casa e aí foi tudo um ato desesperador porque agente não tinha noção da enchente que chegava. (pesquisa de campo, 2015).*

A fala da moradora expressa as situações vivenciadas na primeira cheia que foi encarada como um ato desesperador, tendo sua residência inundada o inesperável, ter que deixar o seu lar foi umas das situações mais difíceis como ela relata tinha acabado de construir, têm-se uma apreensão de valorização de significados pois é o local onde ela vive e se sente segura.

Se compreendermos lugar na perspectiva por Tuan (1988), como um mundo de significados, percebemos como é possível o estabelecimento dessas relações que se firmam na medida em que homens recobrem de sentimentos, de afetividade a cidade, a rua, o bairro em que habitam e constroem suas vidas.

Assim podemos compreender através da percepção da moradora, a importância do lugar que para ela, está atrelado a uma gama de sentimentos e significados quando questionada, na sua resistência de permanecer no bairro mesmo enfrentando os problemas na época das cheias, e o que mais gosta do lugar onde mora.

*Gosto porque é aqui que eu nasci e foi criada aqui, aqui também foram criados meus filhos meu esposo, eu gosto da minha terra eu amo a minha terra por isso eu não pretendo sair daqui apesar de ela ir todos os anos, ir profundo mais isso agente supera já passamos pelo pior agora agente tenta se acostuma nessa nova realidade nesse lugar que considero um aconchego. A eu gosto porque o meu Bairro é ainda um lugar pacato uma cidade humilde onde todo mundo se conhece uns aos outros,*

*por isso que eu gosto daqui e quero continuar aqui, eu conheço os meus vizinhos eu vim prá cá, desde o início do bairro aqui na minha rua vi tudo, construí minha casa, capinei porque quando cheguei aqui isso tudo era um matagal então construí uma vida aqui, tenho um forte carinho com meu bairro é, no entanto que quando aconteceu à primeira cheia eu chorei muito porque vi todo mundo saindo do bairro, gente tirando suas coisas uma situação muito triste, mas tamos aqui e agora já nem, mas estranhamos tamos vivendo, mas daqui eu não saio. (M.A.C.de S, 48 anos mora há 20 anos no bairro, pesquisa de campo, 2015).*

No relato a moradora fala da importância do lugar onde mora, apesar de todos os anos ser inundado não pensa em se mudar para outro local, pois para ela o mesmo representa uma gama de significados que se aprende como um forte vínculo afetivo e pertencimento, faz parte da sua história de vida, quando fala do ocorrido expressa através do seu emocional o sentimento e afeto que se tem pelo lugar onde construiu sua vida.

De acordo com Tuan (1988 p.87), “o lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado”.

O lugar é visto como um mundo de significados que está intimamente no subjetivo do ser humano que vivencia e que faz do mesmo uma realidade, a partir do fenômeno ocorrido e vivenciado pelos moradores tem-se essa concepção.

Dentro dessa apreensão Tuan (1980 p.107) em sua obra Topofilia compreende como “todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material”. Nesse contexto o ambiente para os moradores está na familiaridade com o Bairro onde habitam, onde estão suas moradias e quando afetados pelas cheias expressão todo o sentimento emocional existente pelo o seu lugar de vivencia.

É o que o morador *F.J.M.* (43 anos mora há 15 anos no bairro) fala a respeito dessa relação com o ambiente que passa a ser inundado.

*Bem nos dois anos que a enchente foi bem forte que foi 2009 depois 2012 eu fui pro outro lado da cidade que é um pouco, mas alto, então eu fiquei um período num bar que tinha no outro lado de lá tive que deixar minha casa foi muito difícil pois foram anos pra construí-la e vê-la toda no fundo foi triste[...] ai que eu voltei 2012 eu já vim com outro pensamento de não mas sair da minha casa e sim me adaptar ai eu comecei a fazer a primeira casa já fui construindo nivelando com o nível de 2009 que foi a maior enchente que teve no nosso município então ai eu fui me organizando mais mesmo assim não deu pra me ir me organizar no primeiro ano depois que eu voltei 201 2 não deu porque a enchente nem bem a água tinha começado a baixar ela teve que voltar e ela veio com mais força ainda então mesmo assim eu improvisei banheiro improvisei tudo, mais fica muito difícil.(pesquisa de campo,2015)*

O morador fala das experiências que passou nas primeiras cheias vistas como recomeço e adaptação com seu ambiente e a permanência do mesmo nessa realidade, pois adaptar-se para não ter que sair do seu lar onde vive e se sente seguro, mas que é difícil conviver com essa situação.

Desse modo, o lugar diante das situações vivenciadas é de extrema importância quando se busca entendê-lo, pois são os moradores que diante dessa realidade a vivenciam a partir de suas relações com o mesmo, onde expressam o emocional o que está na subjetividade e que diante dos acontecimentos podemos entender a forte afetividade que se tem com o lugar.

Na (**figura01**), expressa a resistência dos moradores na sua residência, vivendo na *maromba*<sup>3</sup> na cheia de 2012, onde a moradora (M.A.C.S. 48 anos, mora 20 anos no bairro) fala a respeito dessa permanência na sua casa.



**Figura 01:** Casa da moradora M.A.C. S na maromba na cheia de 2012.  
**Fonte:** Paula Silvana, 2012.

*Bom como a cheia de 2009 eu tive que sair da minha casa, ela foi profundo né!Tive que deixar tudo, o mais difícil, já na de 2012 porque eu pensava que não ia todo ano, já mas pensei isso, eu durante toda minha vida pensei que Barreirinha ia passar por isso ai quando veio a de 2012 eu disse pro meu marido a não, não vamos mas sair daqui não, vamos suspender uma maromba e aqui a gente vai ficar vou ter que deixar minha casa de novo não,ai fizemos a maromba com as tabuas que*

---

<sup>3</sup> Maromba no caso para atender às necessidades humanas, é a elevação do assoalho sobre o assoalho da casa, até que o rio comece a baixar.

*ganhamos da enchente passada e fizemos um assoalhão e o resto das coisas ficaram suspenso, onde ficamos a cheia toda, mas foi muito complicado viver com essa situação, mas eu quis ficar aqui e já mais eu ia deixar minhas coisas, é tudo o que tenho aqui é o meu lugar eu conheço todo mundo eu me sinto segura ,e assim agente foi vivendo.(pesquisa de campo, 2015).*

No relato podemos entender como os moradores no decorrer das cheias enfrentaram dificuldades, para vivenciar essa situação e como organizaram marombas para permanecer em suas moradias no seu ambiente que aprendem como o lugar que representa segurança.

Segundo Yi-Fu Tuan (1980, p. 108) concebe o ambiente onde se vive como o lugar de segurança:

A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil, o deleite ao sentir, a água, a terra. Mas permanentes e mais difíceis de expressar são os sentimentos que temos para um lugar, por ser o lar, o lócus de reminiscência e o meio de ganhar a vida.

Assim, ao conhecer a realidade das cheias no Bairro Ulisses Guimarães, não basta apreender o ambiente esteticamente, a penas o visível, por isso entender a concepção dos moradores nos faz conceber o lugar através das experiências vivenciadas e a importância do significado que se tem pelo seu local, onde moram e constroem suas vidas.

É no lugar que se estabelecem as relações de vivências onde cada indivíduo passa a concebê-lo de maneira afetiva e também emocional quando atingidas pelas cheias do rio Paraná do Ramos, passa a afetar a sua vida que está atrelado ao espaço físico no qual vivem e podem expressar seu *modos* de viver, que é explícito no seu cotidiano no espaço urbano da cidade de Barreirinha.

### **3. PERÍODO DAS CHEIAS: PRINCIPAIS MUDANÇAS SENTIDAS PELOS MORADORES NOS SEUS *MODOS* DE VIDA E COTIDIANO**

Conviver com as cheias passou a ser um novo desafio para os moradores do Bairro Ulisses Guimarães. Pois com o aumento do volume das águas do rio Paraná do Ramos, com o passar dos anos que inundam quintais e ruas, há uma necessidade de se organizar no lugar, o *modos de vida*<sup>4</sup> que está atrelado a atividades de caráter social como pedreiros, tricicleiros e moto taxista entre outros, pequenos grupos sociais que sobrevivem dessas atividades, passam agora a ser regulados pelo período de cheia e vazante.

---

<sup>4</sup> *Modos* de vida também denominado de gênero de vida, modo de existência, estilo de vida e etc.



Assim passamos a entender o *modos de vida* de uma, minoria dos moradores, como nos afirma Marques (1994, p. 3,4) “o modo de vida corresponde a um conjunto de práticas cotidianas desenvolvidas por um determinado grupo social e decorrente de sua história da posição que ocupa na sociedade envolvente e da forma específica que assegura a sua reprodução social.”

Nesse sentido tratamos de atividades profissionais inerentes do espaço urbano praticadas pelos moradores no seu cotidiano, de cunho econômico, pois para se manter na cidade os mesmos realizam essas atividades todos os dias para garantir sua sobrevivência no lugar.

Nesse contexto, o *modos de vida* que está presente no cotidiano dos moradores, de acordo com Heller (2008, p.30) “a vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico”. Assim o cotidiano dos moradores está explícito no seu dia-a-dia é o vivido por eles diante das atividades que realizam.

No que tange os *meses da cheia*,<sup>5</sup> em que o Bairro não fica submerso as águas, são realizadas essas atividades citadas à cima que os indivíduos realizam no seu cotidiano para garantir sua sobrevivência economicamente na cidade, o que, no período das cheias é comprometido, pela falta de viabilidade dos instrumentos de trabalho e a procura desses serviços.

O poeta Thiago de Melo, em Amazonas Pátria da água (2002, p. 27) expressa à inter-relação entre homem e rio, entre modos de vida e os ciclos das águas:

É o regime das águas condicionando e transformando a vida do homem amazônida ao longo das etapas do ano. Em qualquer lugar do Amazonas. Não só no interior das florestas, nas beiras dos rios. Também nas cidades e nos principais centros da região-o homem sofre efeitos, generosos ou adversos da subida ou da descida das águas [...] O regime das águas é um elemento constante no cálculo da vida do homem. Porque são também ciclos econômicos.

O regime das águas vem condicionando o *modos de vida* dos moradores do Bairro Ulisses Guimarães, onde os moradores agora acompanham o processo sazonal do rio, em que no período em que o lugar não está cheio, são realizadas suas atividades profissionais normalmente, com a chegada das águas tudo se torna difícil e impossível para os moradores que dependem dessas atividades para permanecer, nessa nova realidade e no seu lugar de

---

<sup>5</sup> Meses da cheia estendem-se de Março até meados de Junho.

vivencia. Pois o regime das águas acaba regulando sua maneira de viver, e passam agora a vivenciar ciclos econômicos, diante do processo cheia e vazante do rio Paraná do Ramos.

Como relata o morador L. M. D.,( 59 anos, tricicleiro, mora 20 anos no Bairro),a respeito das mudanças ocorridas com as cheias no seu *modos de vida*.

*Eu sou tricicleiro há bastante tempo, com as cheias que começou desde 2009, as coisas se tornaram muito difícil nesse período, pois você imagina ter uma atividade como de tricicleiro que depende das vias a rua, não tem como realizar meu trabalho, pois as ruas ficam todas com ponte até mesmo porque tão alagadas, ai eu fico sem poder trabalhar vivi momentos difíceis porque é uma das formas de garantir a sobrevivência da minha família, a minha mulher ganha o bolsa família, mas você sabe que não é suficiente para viver o mês todo, então no período da seca em que as ruas estão tudo de fora de água, onde tudo volta ao normal, eu realizo meu serviço, período pra mim considerado bom, pois eu consigo faturar um bom dinheiro e garantir o alimento dos meus filhos e passar o mês, mas tranquilo e assim à gente vai vivendo né, com essa nova realidade, aqui na nossa cidade e no nosso bairro que praticamente todos os anos vai profundo. (pesquisa de campo 2015).*

Conhecer a realidade dos moradores que sobrevivem dessa atividade é compreender seu *modos de vida* que está atrelado a um ambiente de trabalho, que são as ruas do bairro e demais áreas da cidade que praticamente ficam todas inundadas, pois é dessa atividade que os mesmos ganham e retiram seu sustento.

Como podemos observar a realidade do ambiente de trabalho em umas das principais ruas, no período em que o Bairro está cheio e quando não está. (**figura 02 e 03**).



**Figura 02:** Rua Maria Belém principal via de acesso do Bairro na cheia.  
**Foto:** Gerson Mesquita, 2015.



**Figura 03:** Rua Maria Belém principal via de acesso do Bairro no período que não está alagada.  
**Foto:** Gerson Mesquita, 2015.

As (**figuras 02 e 03**) nos fazem entender de que o processo sazonal de cheia e vazante presente todos os anos no espaço urbano da cidade de Barreirinha passaram a condicionar o *modos de vida* das pessoas que detêm de atividades econômicas de forma informal que realizam no seu espaço, período enfrentado ainda com dificuldades a pesar de já estarem convivendo durante sete anos com essa realidade.

Segundo o morador G. S.M., (58 anos, Pedreiro, mora 30 anos no Bairro).

*Com as cheias tudo se tornou difícil principalmente pra gente que é pedreiro né, porque nesse período a procura de trabalho diminui, e muitos das vezes nem aparece, já é ruim nesse período de chuva, mas agora é pior ainda porque tudo fica no fundo, esse fenômeno da natureza que está mudando a cada ano, uns anos vêm mais forte outros anos não, ai assim a procura de trabalho fica ruim né, porque fica tudo na água, se constroem menos, então nesse período eu procuro realizar outras atividades como pescar, vou pro interior trabalha no terreno do meu cunhado e assim a gente vai levando a vida né, porque não podemos abandonar sair do nosso conforto pra passar mal por ai, pela casa dos outros, à gente fica um pouco longe da família que fica tomando conta da casa, mais é assim, fazer o que né, ai tem o bolsa família que a mulher recebe contribui um pouco e ai vamos vivendo com a graça de Deus, até a vazante chega quando as ruas saem do fundo, aqui no bairro e outras áreas da cidade, ai é época em que as pessoas começam a construir levantando suas casas pra não ser, mas atingida na próxima cheia ai o trabalho aparece graças a Deus, mais no período da cheia é difícil é difícil. (pesquisa de campo, 2015).*

Essa atividade depende muito da natureza, pois sua função só pode ser realizada diante de uma boa condição do tempo, como afirmou o morador que no período das estações da chuva a procura desse serviço diminui, com as cheias presente na cidade ele não trabalha, pois tudo fica alagado sem condições de construir.

Outra atividade que sofre com as transformações do lugar que passa a ser tomado pelas águas, mudança essa sentida, pelo moto taxista que também depende do espaço urbano tendo, o seu ambiente de trabalho todo inundado, com isso impossibilitado de trabalhar.

Assim Corrêa (1989, p.6) destaca que:

[...] o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado: cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que a intensidade muito variável. Estas relações manifestam-se empiricamente através de fluxos de veículos e de pessoas associadas às operações de carga e descarga de mercadorias aos deslocamentos quotidianos entre as áreas residenciais e os diversos locais de trabalho...

O espaço urbano de acordo com o autor é apreendido como o fragmentado e o articulado no qual os moradores vivenciam no seu cotidiano, que no período da cheia percebe-se essa mudança, onde está explícito no seu *modos* de viver e realizar o seu trabalho, no qual os mesmos vivenciam o uso do espaço urbano de forma, mas restrita pelo fato de está completamente alagado.

Assim o morador (J.M.D. *idade 34 anos mora há 12 anos no bairro*), relata sobre essa mudança causada pelas cheias nos seus *modos de vida* que está atrelado ao espaço urbano.

*Bom, eu trabalho como moto taxi há bastante tempo e as cheias que vêm alagando as nossas ruas né, prejudica, impede de eu realizar meu trabalho que é a principal renda porque eu não tenho outro trabalho, durante as cheias já passei muitas dificuldades e ainda passo, não só eu como os outros colegas que trabalham nessa categoria de moto taxista, as ruas que são as principais vias de acesso pra todos os lugares da cidade ficam todas alagadas ai a gente não pode sair pra trabalhar né, ai a nossa ferramenta de trabalho qui é né, a moto não pode ficar pegando água, outra coisa a moto durante as cheia fica em casa parada ai tem alguns problemas porque ela não pode ficar parada tudo isso atrapalha diante dessas cheias nos últimos tempo né, que acontece desde 2009, que mudou nosso jeito de viver, porque agora a gente tem que conviver com a cheia e seca né.ai vamos vivendo com a proteção de N.S.do Bom Socorro que nos protege diante dessa situação, porque não é nada fácil ,cara difícil mesmo viver diante dessa situação que agora todos os anos alaga aqui, mas diante das dificuldades vamos levando, enche e seca né, quando sai do fundo as ruas, é vida que segue ai voltamos a trabalhar nas ruas, de exercer nossa função como moto taxista, minha maneira de viver é essa trabalhando como moto taxi e garantir o sustento da família.(pesquisa de campo, 2015)*

Diante do relato, a (**figura 04**) nos mostra a dependência, que os moradores têm com as ruas, principal meio de realizar e expressar seus *modos de vida* que fica completamente impossível de manifesta-lo no seu cotidiano.



**Figura 04:** Rua São Geraldo principal via de acesso do bairro no período em que está alagada.  
**Foto:** Gerson Mesquita, 2015.

Deste modo, é essa a realidade vivenciada pelos moradores do Bairro Ulisses Guimarães na cidade de Barreirinha, onde seu *modos de vida* que se manifesta no espaço urbano é condicionado pelas cheias, que assolam o lugar onde expressam seu *modos* de viver, atividades sociais que surgem devido as suas necessidades de se manter no ambiente onde moram e constroem suas vidas.

#### **4. PRINCIPAIS ADAPTAÇÕES DOS MORADORES PARA VIVENCIAR AS CHEIAS**

Tratando-se do evento natural das cheias do rio Paraná do Ramos, que ocasionou mudanças no *modos* viver dos moradores nas áreas atingidas, pelo qual tiveram que se adaptar a essa nova realidade, que nos meses de Março até meados de Junho as águas inundam a cidade e especificamente o Bairro Ulisses Guimarães.

Sendo assim quanto às principais mudanças ocorridas, os moradores apontam para as moradias como principal adaptação, em que eles tiveram que aumentar o nível de suas casas.

*Olha uma das mudanças que aconteceu, foi pra mim aqui no meu bairro é que toda a população ela começou a se adaptar, nós, é colocamos na nossa cabeça que casa no nível baixo não funciona mais, todo ano vai profundo, não tem mais essa, então isso mudou, mudou bastante então aquele morador que veio novo a gente já até aconselha a fazer sua casa em nível alto, no entanto até aqui é que moradores que vieram depois da de 2009 e de 2012 a casa deles são super altas... (P.S.C.S. 38 anos mora há 20 anos no Bairro pesquisa de campo 2015).*



A moradora fala das experiências vividas no decorrer das cheias que deram sinal de que se precisava adaptar, pois se tornaram constantes, foi o que os moradores começaram a fazer ter suas residências inundadas e suspender marombas eram situações complicadas, então como as cheias tornaram-se periódicas o morador já entendeu que tinha que acompanhar essa dinâmica.

Segundo Rodrigues (1991, p.1) aprende a moradia como uma necessidade básica, pois “no interior da casa é onde se realizam outras necessidades; além de se ter um abrigo, é onde se dorme, tem-se privacidade, faz-se as refeições, realiza-se a higiene pessoal, convive-se com o grupo doméstico, etc.”

Nesse sentido adaptar suas moradias tornou-se uma prioridade para os moradores, pois sair de suas casas todo ano por conta de serem inundadas, viver em outro local onde não seja seu, é muito difícil e gera situações de conflito e desconforto.

As cheias no decorrer dos anos afetaram tanto o morador no seu lado sentimental como também material, pois suas casas foram todas submersas, aonde os próprios moradores chegaram à conclusão, que teriam que adaptar suas moradias em níveis mais altos, para sua permanência no lugar. Conforme podemos observar nas **(figura 05 e 06)**.



**Figura 05:** Casa da moradora N.C.de S. na enchente de 2012.

**Fonte:** Paula Silvana, 2012.



**Figura 06:** Casa da moradora N.C.de S. na enchente de 2015.

**Foto:** Gerson Mesquita, 2015.

As adaptações das moradias podem ser vistas de diferentes formas, observadas na pesquisa conforme as condições econômicas dos moradores, pôr conta dos mesmos, não terem uma boa condição financeira, muitos deles acabam improvisando cômodos para permanecer no lugar diante das cheias.

*[...] ai eu já me adaptei suspendi um pequeno cômodo porque não posso ainda mexer na minha casa, sem condições econômicas mesmo, meu marido é pedreiro eu sou dona de casa tenho cinco filhos pra criar ai já viu, ai fiz essa puxada aqui na frente minha nova casa né?Minha puxadinha que ai eu já fico, e não me preocupo mas, quando ela vem só faço subi pra essa casa que é mais alta, quando seca eu volta pra minha casa maior ai é vida que segue. (M.A.C.S. 38 anos mora há 20 anos no Bairro, pesquisa de campo, 2015).*

Para a permanência dos moradores e diante das condições econômicas de não ter como construir outra casa se acomodar em pequenas puxadas é uma das estratégias para vivenciar o período das cheias como argumenta à moradora.

A respeito das condições básicas de se adquirir e construir uma moradia Rodrigues (1991, p.33,34) afirma que:

*[...] a assistência técnica gratuita para sua construção e como se não bastasse, têm que despender um duplo esforço: trabalhar para garantir seu sustento e trabalhar no seu descanso para garantir uma das necessidades básicas da sobrevivência- morar, com o material de construção financiado pelo trabalho.*

Diante da realidade muitos dos moradores conseguem improvisar suas moradias, para a permanência no lugar, assim trabalhar para sua sobrevivência e trabalhar para construir são situações difíceis e por isso muitos deles, a cada ano vão construindo devagar como podem. (**figura 07e 08**).



**Figura 07:** Pequeno cômodo adaptado no período da cheia estrutura externa.  
**Foto:** Gerson Mesquita, 2015.



**Figura 08:** Pequeno cômodo adaptado no período da cheia estrutura interna.  
**Foto:** Gerson Mesquita, 2015.

Podemos observar a importância de adaptar as moradias para permanência dos moradores no bairro seu lugar de vivência, segurança no qual manifesta seu *modos* de viver, e se constroem relações de afetividade.

Como relata à moradora (*J.C.T. 46 anos mora há 28 anos no Bairro*) a respeito de acompanhar a dinâmica do rio que atinge sua moradia.



*[...] nas ultimas cheias eu deixava minha casa, por conta dessas mudanças nas cheias né? Que passaram a ser demais já grande a gente teve que elevar nossas casas, passamos a obedecer as enchentes porque se, não, ou saíamos ou ficávamos na maromba, foi então com o passar das cheias que eu elevei a minha casa dessa altura sendo uma das mais alta daqui da rua agora já fico mas tranquilo pode vim cheias que tou bem agasalhada na minha casa alta. (pesquisa de campo, 2015).*

Na fala da moradora podemos entender de como as cheias do rio passou a condicionar as adaptações das moradias, pois foi necessário acompanhar a dinâmica do rio elevando suas casas para não ter que ser atingidas e assim não ter que conviver com construções de marombas assim garantir sua tranquilidade diante dessa realidade.

Nesse contexto, Tocantins (1973) é categórico ao afirma que na Amazônia “o rio comanda a vida”, por isso ao ver, essas adaptações das moradias aprende-se que o rio sempre condiciona o modo de viver de quem habita os lugares da Amazônia, uma realidade em que os moradores tiveram que se adaptar a dinâmica das cheias para permanecer no lugar de vivencia. **(figura 09).**



**Figura 09:** Casa da moradora J.C.T. bem suspensa.  
**Foto:** Gerson Mesquita, 2015.

Assim as cheias do rio acabaram condicionando as adaptações das moradias dos moradores no bairro, para não ter que vivenciar situações das primeiras cheias que foram difíceis, vivenciam agora esse novo momento já acomodados em suas residências.

Questionados acerca do poder público, de como eles avaliam a atuação do mesmo na assistência as famílias atingidas nas enchentes os moradores foram categóricos ao afirmar, que é bem pouco e tratando-se das suas moradias eles mesmos buscam se adaptar e construir outras casas. E falam dos principais problemas passados ainda, a pesar de já estarem a sete anos convivendo com essa realidade.

*Olha eu avalio assim ainda é muito pouco apesar de nós já tamos sete anos convivendo com essas enchentes eles ainda procuram socorrer as pessoas muito pouco muito pouco mesmo em primeiro é logo as pontes que logo as ruas estão alagando e ai ainda eles custam atender a gente com a ponte às vezes vão atender quando a água já esta no meio da perna da gente ai que vem a ponte pra muitos vem pra muitos não vem então eu acho que o poder público ainda deixa a desejar nessas coisas mais que ajudam mais bem pouco.(M.C.B.39 anos mora há 17 anos no bairro, pesquisa de campo 2015).*

A pesar de as cheias estarem presentes todos os anos no bairro os moradores ainda enfrentam problemas como falta do suporte como pontes parece que o poder público já se acomodou os moradores que tem que se organizar.

Como expressa a moradora (C.V. L, 42 anos mora há 20 anos no bairro) falando da falta de políticas públicas voltadas para essa situação da cheia que atinge os moradores.

*O que ta faltando pro nosso bairro é as políticas publicas acontecer porque o morador ele já esta se adaptando o que ,que eu falo quando eu falo das politicas publicas é por exemplo é aumenta os níveis da escolas é aumentar o nível da rua por que não tem jeito vai ser todo o tempo assim como nós moradores já nos adaptamos é o poder é os poderes, né tem que mudar essa realidade é criar é desde que essa estrutura do asfalto lá embaixo não funciona e sim eles também tem que se adequar subir as ruas aterra visto que eles falam buscar terra de onde bem eu não sei como mas deve ser feito isso porque os moradores não só eu ,mais como outros a gente não tem é muito difícil sair porque nós temos nossas coisas e proposta se já não tem proposta pra aumentar o nível da rua imagine essas propostas que fazem de casa isso não vai acontecer é muito difícil a gente abandonar o que a gente já construiu pra confiar no que a gente não tem esperança.(C.V. L, 42 anos mora há 20 anos no bairro, pesquisa de campo 2015).*

Diante das cheias que ocorrem todos os anos na cidade de Barreirinha ainda há problemas, ou falta de políticas públicas voltadas para os moradores, vivem como muito deles afirmam na “*própria sorte e proteção de Deus*” pois não há nem uma preocupação do poder público em ajudar essas pessoas em reconstruir o que o fenômeno natural causou, ainda falta prevenção de doenças, até o básico do básico custa chegar é uma realidade vivenciada com muitas dificuldades onde não se espera nada do poder público, sendo que foi notório na

pesquisa que a maioria dos moradores trabalha de forma informal ou dependem do programa Bolsa Família.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou compreender a realidade vivenciada pelos amazônidas do município de Barreirinha, que convive com o processo sazonal de cheia e vazante do rio Paraná do Ramos. Realidade esta que os moradores do Bairro Ulisses Guimarães, nos últimos sete anos vem convivendo, onde a dinâmica do rio agora passa a transformar o lugar onde vivem e constroem sua relação de pertencimento, que nas primeiras cheias foi completamente inundado gerando situações de medo, insegurança. Mas ao mesmo tempo ocorre a resistência das pessoas em deixar o seu lar, seus pertences, pois foi ali que tudo aconteceu.

Com o decorrer das cheias, cada vez mais severas, muitos moradores elaboram estratégias para conviver com esse fenômeno, construindo *marombas* para permanecer no lugar, pois se atribuem valores de significados a esse ambiente onde vivem e construíram suas vidas. Diante das situações podemos compreender a forte relação que os moradores têm com o seu lugar em meio às adversidades das cheias que atingiram o seu ambiente, uma apreensão de pertencimento e forte vínculo afetivo.

Nesse contexto em que as cheias tornaram-se constante na cidade e no Bairro, um dos mais atingidos, houve-se a necessidade de se adaptar as moradias, uma nova realidade vivenciada pelos moradores em ter que conviver com a dinâmica do rio (cheia e vazante), onde muitos deles construíram suas casas ou pequenos cômodos que lhes permite ficar no lugar durante os meses de cheia.

Assim compreender o *modos* de vida de uma minoria dos moradores nos proporcionou apreender as mudanças ocorridas no espaço geográfico diante do fenômeno cheia, que impossibilita os moradores de realizar suas atividades de cunho econômico que realizam no espaço urbano de onde os moradores que detém dessas profissões tiram seu sustento, realidade essa que agora pode ser entendida como ciclos econômicos diante da dinâmica do rio, pois os moradores acompanham o processo de cheia e vazante. No período em que está cheio desempenham outras atividades para se manter no lugar, já no período de vazante em que as ruas saem do fundo tudo volta ao normal, voltam a trabalhar expressar seu *modos* de vida. Diante dessa realidade ficou explicito nos moradores que para eles o período de cheia é difícil, sempre visto como um recomeço ou adaptação.

Essa situação ainda torna-se, mais difícil quando não se tem ajuda do poder público diante dessa realidade os moradores passam por dificuldades, pois não há nenhum planejamento ou ação que tente resolver ou amenizar a situação dessas pessoas que sofrem com as enchentes. Houve uma ajuda logo na primeira cheia, depois disso não ocorreu nenhuma preocupação com as cheias futuras, o que poderia se fazer pra ajudar essas pessoas a se organizar nessa nova realidade, onde se precisa pensar na saúde, educação, moradia para essas pessoas.

Sendo assim, a partir do conhecimento acerca dessa situação vivenciada pelos moradores do Bairro Ulisses Guimarães na cidade de Barreirinha-AM, esse estudo não se encerra, fica aberto para a continuação de pesquisas que busquem novas análises e novas leituras a respeito da vivencia do lugar, do *modos* de vida das pessoas que convivem com essa realidade presente em vários lugares da Amazônia, tanto em áreas ribeirinhas como nas cidades.

## REFERÊNCIAS

BUTTIMER, Anne. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido, perspectivas da geografia**. São Paul: Difel, 1982.

CÔRREA, Roberto Lobato. **O espaço Urbano**. Editora ática. São Paulo, 1989.

DARDEL, Eric. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica, tradução Werther Holzer. São Paulo: perspectiva 1899-1967.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**./Agnes Heller; tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paul: Paz e Terra, 2008.

MELLO, Thiago de. **Amazonas, Pátria da Água**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Geografia**, 4 (7). Rio Claro, 1979. Percepção. Martins Fontes. São Paulo, 1996.

MARQUES, M. I. M.. **O modo de vida camponês sertanejo e sua territorialidade no tempo das grandes fazendas e nos dias de hoje em Ribeira-PB**. São Paulo, 1994. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 153 p.

RODRIGUÊS, Arlete Moysés. **Moradia nas cidades Brasileiras**. 4,ed.São Paulo:Contexto,1991.

TUAN, Yi-fu, **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1988.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida**: uma interpretação da Amazônia. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1973.

[@. com](http://www.ibge.gov.br/cidade). Acesso no dia 04/11/2015.